

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE FEVEREIRO DE 1912



N.º 313

O VATICANO



A escada regia

BRASIL-PORTUGAL

O preço d'uma confiança

Entra hoje esta Revista no seu 14.º anno de publicação.

O facto não é vulgar no nosso meio em jornaes d'esta ordem e por isso seja-nos permittido assignala-lo n'estas columnas, agradecendo aos nossos assignantes, annunciantes e leitores o seu valioso concurso, sem o qual resultaria inutil todo o nosso esforço, toda a nossa boa vontade de cumprir á risca o programma que nos impozémos desde o primeiro numero do *Brasil-Portugal*.

No momento presente, porém, somos obrigados a retirar a primeira das nossas secções, as costumadas *Notas*

UMA tarde de agosto findo, sentindo necessidade de tomar ar. peguei n'um livro e, mettendo-me n'um carro electrico, fui até Belem.

Mal me tinha sentado n'um banco do jardim que defronta os Jeronymos, quando o vento se levantou com fôrça e me senti arrependida de ter dado tão má direcção ao meu passeio. Ia levantar-me para me retirar; mas, voltando a cabeça para equilibrar o chapéu, que ameaçava fugir-me, notei que, a poucos passos, estava outro banco, e n'elle se achava sentado um velho vendedor de fruta, tendo dois cestos poisados aos pés. Parecia insensível a quanto o rodeiava. Olhava o chão, e, com as mãos

A separação da Igreja do Estado



O arrolamento no Paço de S. Vicente

A' esquerda destaca-se o conego dr. Joaquim Martins Pontes, representante do Senhor Patriarcha, em nome do qual apresentou um protesto não acompanhando os trabalhos do arrolamento

(Phot. de J. Benoitel)

da quinzena, visto que a censura, que actualmente se exerce sobre todos os jornaes, cortou por completo aquellas que n'este logar tencionavamos publicar.

As *Notas da quinzena* costumam, como os nossos leitores sabem, justificar o seu nome, referindo-se, embora ligeiramente, aos principaes acontecimentos da vida nacional e como esses acontecimentos não foram, infelizmente, de de natureza festiva, natural era que os apreciássemos apenas sob o seu aspecto politico o que nos não foi permittido.

Entregue a cidade ao governo militar e suspensas, portanto, as garantias, cumpre-nos obedecer ás determinações superiores, dando ao mesmo tempo, a quem tão gentilmente nos teem ajudado, a explicação do nosso procedimento.

A Redacção.

enclavinadas sobre os joelhos, fazia girar rapida e machinalmente o polegar esquerdo em volta do direito.

Immediatamente a minha mania de observação acordou, fazendo-me esquecer o proposito de retirada.

— Em que cogitará elle? perguntava-me eu.

E, apesar do incommodo que o vento me causava, eu não despregava os olhos da physionomia d'aquella triste creatura, na esperança de que qualquer coisa me dêsse a conhecer os seus pensamentos.

Varios homens, que voltavam do trabalho, lhe deram as boas tardes, a que correspondia quasi inconsciente.

Por fim entrou apressada na rua, em que nos achavamos sentados, uma velha que não repugnava crêr fôsse quasi septagenaria. Ia a passar por elle sem o saudar; mas, reparando nos cestos, parou e travou com elle o dialogo seguinte:

— O' tiosinho, a como são as pèras?

— Oitenta réis a duzia, respondeu o velho, sem mudar de posição nem mostrar interesse na venda.

— E' muito cáro para mim...

— Paciencia.

A velha fixava insistentemente o rosto do vendedor, apurando os olhinhos myopes para melhor o examinar. Por fim perguntou a medo:

— Vomecê não é o João Rapinau?

— Sou. A senhora conhece-me?

— Não se lembra da visinha Ambrozia que morava em frente da sua casa no pateo das Vaccas, hade haver uns vinte annos?

— Se me lembro! disse o velho, fitando-a pela primeira vez e mostrando certo interesse na voz. Como o tempo passa! A visinha Ambrozia! Agora a reconheço... mas se me não dissesse quem era...

— Eu tambem o não conheci. Quando o ouvi fallar é que...

— Dizem que a voz das pessoas é o que mais depressa esquece depois d'uma longa ausencia, disse o velho com tristeza,

— Tantos ciumes ella tinha de si, lembra-se?

— Então não lembro?! respondeu a Ambrozia com a bocca cheia.

— Não descansou enquanto não mudámos de casa.

— Foi bem boa tolice!

— E foi! disse o vendedor, estendendo-lhe a péra que descascara e começando a preparar-lhe outra.

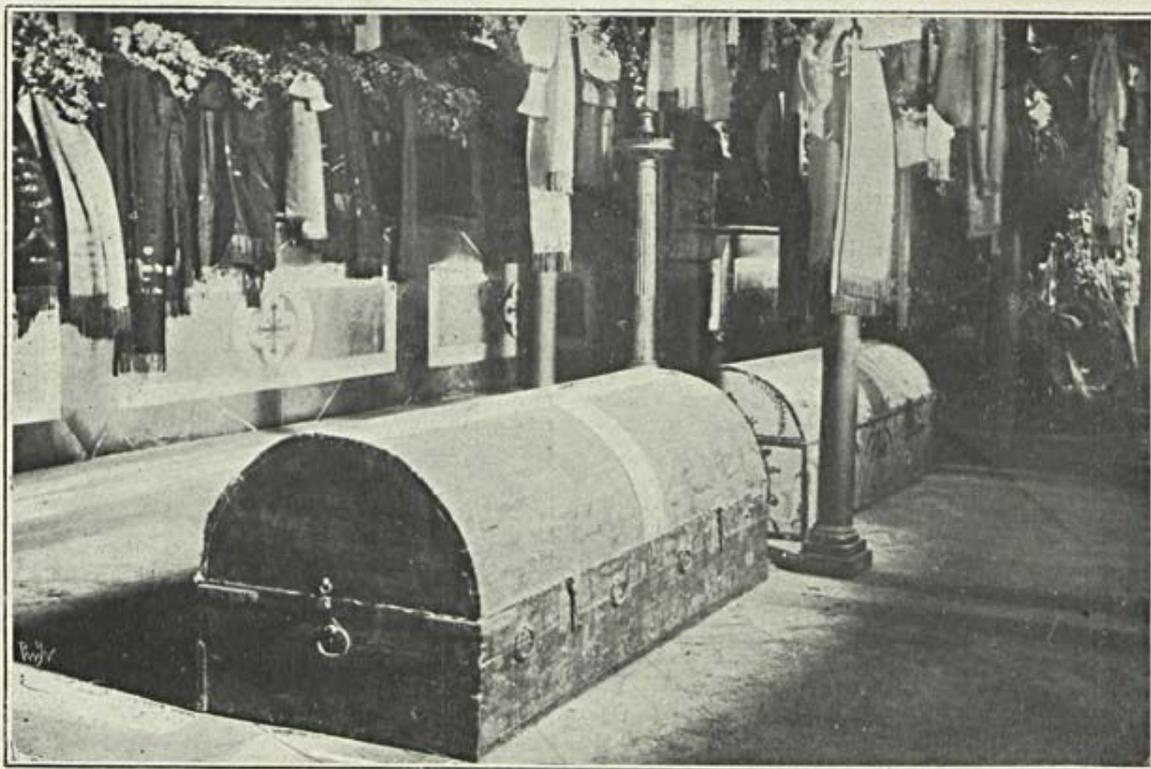
— Agradecida, tio João.

E mettu-a d'uma vez á bocca.

O velho, suspirando, continuou:

— Enquanto fui novo e ganhei para lhe dar o luxo que ella queria, tudo foi bem. Ha cousa d'uns tres annos entrou de se lastimar e de dizer que as amantes não tinham obrigações: que por isso nunca quizera ter filhos nem ir á igreja... Um não acabar de razões... Até que eu, já farto, disse-lhe:

No Pantheon de S. Vicente



Os caixões contendo os restos mortaes da rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya e de sua filha a princesa D. Izabel recentemente trasladados da Igreja das Francezinhas em condições que alguns jornaes diarios relataram

(Phot. de J. Benoit)

— Bem vê que não. Foi pela voz que o conheci... Nunca mais nos vimos!...

— Sente-se aqui. Quero que prove das minhas péras.

— Não, senhor. Trazi-as para negocio, não devo...

E, com o olhar cubiçoso, fitava ambos os cabazes.

— Hade comer. Nada de cerimoniaes... Sente-se, ande. Conversêmos um pouco.

A velha sentou-se defronte d'elle e perguntou-lhe:

— Que é feito da sua Anninhas?

O velho tinha tirado uma navalha do bolso e descascava uma péra a primôr.

Ouvindo a pergunta de Ambrozia levantou-se e disse melancolicamente:

— Fugiu.

A velha, que seguia impaciente o vagaroso trabalho do vendedor, lançando a espaços olhos gulosos aos cabazes, tomou uma péra e exclamou indignada:

— Parece impossivel! Que descarada aquella! Conte-me isso, tio João.

O velho não se fez rogar. E, mal elle começou, ella cravou avidamente os dentes na sumarenta péra, com casca e tudo, continuando a devorar com os olhos as que restavam nos cabazes.

— «Se me não tens amisade, podes girar: nem eu te quero contrafeita.»

— Pois estava de vêr, disse Ambrozia, engulindo a setima péra, e sumindo tres no bolso. Fez vocemecê muito bem!

— Não sei se fiz, commentou o velho. Ella não quiz ouvir mais... pôz-se a andar. Já o teria feito se me não tivesse medo... e eu fiquei só.

— Coitado! Então está sem ninguem?

— Ninguem, repetiu elle, estendendo-lhe outra péra, tão primorosamente descascada como a primeira.

— Obrigada. E a sua filha?

— Lá está com o marido e com os filhos.

— Não sei como não foi viver com ella?

— Fui, mas tinha os meus habitos. A bulha das creanças incommodava-me. Quando o meu genro entrava do trabalho e a mulher o ia esperar á porta, lembrava-me que d'antes a Anninhas me fazia o mesmo, e as saudades pesavam de me roer o coração... Emfim, mal por mal, antes só.

— Onde mora? perguntou ella, fazendo desaparecer a decima oitava péra.

— Por detraz do convento das Salesias.

— Pois eu móro mesmo aqui, no Bom Successo. Uma barraqui-

nha á esquerda logo ao chegar á praia. Se precisar de alguma coisa, não tem mais que dizer.

— Muito agradecido. Eu cá me vou arrançando conforme posso.

— E' tarde, tio João, vou-me embora. Quando puder appareça para conversarmos.

— Lá irei, vizinha, lá irei.

— Boa tarde.

— Vá com Deus.

E afastou-se trémula e apressada cuspidando a espaços as cascas da pêra que ia mastigando.

— O' tio João, disse um rapaz que voltava do trabalho com uma cesta enfiada n'um pau, sabe que o Pinga, o mendigo, morreu?

— Sim? E então?

— Acharam-lhe cosidos no fóro do collete tres contos de réis em papel.

— Que maroto! disse o velho com um sorriso forçado.

— E eu que tanta vez lhe dei um vintem para pão tirado á barriga! Isto é de fazer raivar um home.

— Meu rapaz, n'este mundo os melhores são sempre os que pagam as favas.

— Boa tarde, tio João.

— Boa tarde.

E o velho, ficando só, pôz-se a contar as pêras e exclamou com admiração:

— Duzia e meia!... Seis vintens!... Ah! mulheres, mulheres! arrancarem-me seis vintens aos setenta e seis annos, é demais!

Depois, com um gesto de indiferença, commentou:

— Deixa-o Fez-me bem falar. Distrahiu-me. E, se ella não comesse as pêras, não me ouviria... Mas seis vintens por dar um bocadinho á lingua, é carote!

Enfiou os cestos nos braços e afastou-se lentamente.

Segui com sympathia affectuosa o desamparado velho até á estação dos carros. Estava um electrico a partir.

Logo que occupei o meu lugar procurei o velho com os olhos e fitei-o sempre até o perder de vista.

Apesar do vento ser intoleravel, não lamentei o passeio, por me ter proporcionado um espectáculo tão profundamente interessante, embora tristemente real.

Voltarei ali.

MARIA O'NEILL.

Pensamentos

As livrarias são cidades dos mortos, onde os livros falam como os tumulos. A paz creadora, a meditação tranquilla, o descanso productivo, estão alli. Os outros amigos vão rareando dizimados pela morte ou contaminados pela ingratidão; mas os livros, amigos inalteraveis, não faltam nem atraçoam. Na saúde ou na doença, no trabalho ou no descanso, são sempre uma companhia, uma guarda, uma força.

Toda a dôr moral é tanto mais absorvente e exclusivista quanto é sincera e aguda.

A. PIMENTEL.

Eu sei que o escripto é um alimento indispensavel ao espirito das gentes; entendo, porém, que os intellectuaes devem ser escrupulosos no preparo do seu banquete: pratos finos e raros, servidos com arte, como convém. Não devem concorrer para essa mixórdia em que entra tudo, desde o espargo até á couve tronchuda.

A. PIMENTEL.

Os projectos da nova moeda



Moeda de prata
(1.º premio)

Projecto de José Simões de Almeida (sobrinho)

n'um espirito tão esclarecido como parecia ser o seu — a recusa dos serviços de Christovão Colombo. E dizemos imperdoavel, porque não achamos boa nenhuma das razões allegadas pelos historiadores para desculpar o acto. Basta-nos accentuar o facto para fazermos salientar que, se D. João II cahiu n'esse erro, D. Manoel, que lhe succedeu no throno, praticou muitos, e tantos que não mereceu da sorte a ventura de presidir aos destinos de Portugal na epocha mais gloriosa da sua historia, numa epocha em que uma numerosissima pleiade de homens notabilissimos illustraram e glorificaram o nome do seu paiz, assombrando o mundo com os seus heroicos e brilhantes feitos. Uma das peiores qualidades, senão a peor, a que mais se salientava no seu character, era a pronunciada tendencia para dar, com extrema facilidade, ouvidos a intrigas tecidas em volta dos nomes dos homens que acabavam de os illustrar com revelantes serviços prestados ao paiz e á corôa.

Parecia que o roia uma inveja, tamanha como a dos intrigantes, da gloria e nomeada d'esses homens, apesar de ser elle o que maior e mais palpavel beneficio auferia das proezas dos seus servidores. E os propositos attribuidos pela intriga a alguns d'esses heroes eram por vezes tão disparatados que o dar-lhes credito era demonstração bastante d'um espirito tacanho e quasi diriamos imbecil. Para prova está-nos a saltar dos bicos da penna o receio que os intrigantes lhe insinuaram no animo de que o grande Affonso d'Albuquerque estivesse talhando para si um reino na India.

Entre as numerosas victimas da ingratidão de D. Manoel, a quem a historia deu o epitheto de *Venturoso*, mas que sem duvida ficaria mais completo e verdadeiro, se se lhe accrescentasse *ingrato*, conta-se um fidalgo de nome Fernão de Magalhães, ao qual o destino reservava um dos logares mais distinctos na historia do mundo e que, já na India para onde embarcara com D. Francisco de Almeida e onde tomara parte em varias expedições, entre as quaes a

de Diogo Lopes de Sequeira a Malaca, já em Marrocos em varios combates e escaramuças, mas principalmente na defeza de Azamor, se distinguira d'uma forma particular e altamente honrosa e brilhante para o seu paiz e para o seu nome. Julgando em sua consciencia que os serviços prestados mereciam um galardão que não recebera, solicitou o illustre fidalgo de D. Manoel um augmento de cem réis, segundo uns, de meio cruzado, segundo outros, na moradia de mil oitocentos e cincoenta réis que por mez recebia.



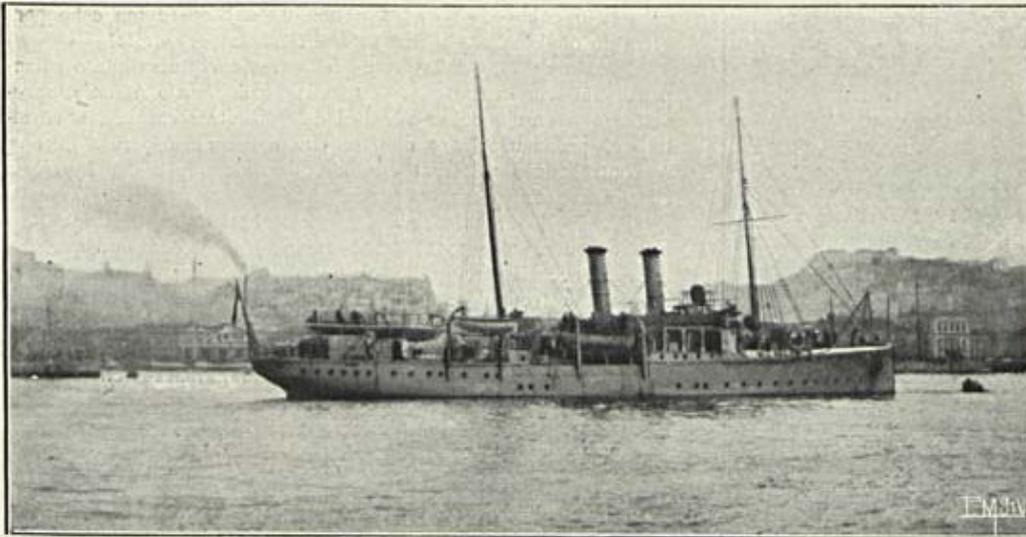
Moeda de bronze
(1.º premio)

Projecto de José Simões de Almeida (sobrinho)

(Phot. de J. Benollet)

ASSUMPTOS DE MARINHA

O primeiro navio de guerra que nos visitou oficialmente depois da proclamação da republica



A canhoneira allemã «Panther»

D. Manoel recusou e recusou d'uma maneira brutal, accusando o egregio fidalgo de pouco limpo de mãos n'um caso de divisão de presa passado em Azamor. Era a vil intriga a fervilhar-lhe no cerebro

Fernão de Magalhães não replicou coisa alguma; partiu para Marrocos, reuniu todas as provas justificativas da honradez do seu procedimento, voltou e apresentou-se ao rei, requerendo novamente augmento de moradia. D. Manoel insistiu na recusa e a insistencia era affrontosa. Um fidalgo digno não podia continuar a servir quem assim espesinhava a sua honra e, como sentia dentro de si a sêde de aventuras e de gloria, não podia tambem continuar a servir um paiz que tinha um rei assim, porque o serviço do paiz e do rei andavam n'aquelle tempo confundidos e a animosidade d'este condemnal-o-ia á obscuridade.

navegador, ficam situadas no hemispherio attribuido á Hespanha pelo tratado de Tordesillas. Sim, respondia-lhe o imperador, mas como ir até lá, sem faltar ao tratado atravessando os mares portuguezes? Eu vou procurar um caminho por occidente, retorquiu Fernão de Magalhães. Carlos V fê-lo cavalleiro de S. Thiago e mandou aprestar uma frota de cinco caravellas cujo commando lhe confiou. Que differença entre os dois reis: para este só o arrojio do projecto merecia recompensa, para o outro nem os serviços já prestados e ainda por cima offendia a dignidade dos seus servidores!

A 1 de agosto de 1519 partiu Fernão de Magalhães, de Sevilha, com as cinco caravellas, descendo o Guadalquivir, e a 17 de setembro largou do porto de S. Lucar de Barrameda. Elle commandava a *Trindade*, as outras eram commandadas por hespa-

Foi pois offerecer os seus serviços ao imperador Carlos V, rei de Hespanha. O destino reservava-lhe uma vingança como elle nunca a teria sonhado. O nome de D. Manoel ficou ligado á historia de Portugal, realçado apenas pela sorte de ter vivido n'aquelle epocha gloriosa; o nome de Fernão Magalhães ficou vinculado á historia do mundo pela gloria de ter sido o do arrojado navegador que primeiro demonstrou praticamente a esphericidade da Terra, perpetuado no estreito que descobriu e, o que é mais, esculpido na abobada celeste em letras de ouro, representadas pelas estrellas que constituem a nebulose a que os astrónomos chamaram *nuvens de Magalhães*.

Carlos V aceitou os serviços do intrepido navegador portuguez. Como havia de recusar-os? As Molucas, as celebres ilhas das especiarias, dizia a Carlos V o des-



A bordo da canhoneira «Panther» — Grupo de officiaes e marinheiros

(Phot. de J. Bonolle)

Assumptos diplomaticos



O sr. Christian Thams, enviado especial do principe do Monaco, que veiu a Lisboa comunicar o reconhecimento official da republica portuguesa pelo seu pai e o sr. conde de Bobone, vice consul do principado n'esta cidade.

nhoes. No tope dos mastros das caravellas tremulava a bandeira hespanhola, é certo, mas a alma de Fernão de Magalhães, era bem portugueza. Na frota seguiam muitos compatriotas seus que elle embarcou talvez com o intuito reservado de se não encontrar inteiramente só no meio do Oceano, e os acontecimentos posteriores vieram confirmar que procedera n'isso com muita previdencia.

Ao chegar ás Canarias, onde arribara para fazer aguada, recebia aviso enviado em um barco expressamente fretado por seu sogro, sevilhano rico, de que a tripulação hespanhola partira com tenção formada de se desfazer d'elle no caminho, mas a alma intrepida de Fernão de Magalhães não fraquejou deante de tão temeroso perigo, muito maior que aquelles que o mar lhe podia fazer affrontar, e seguiu o seu caminho em direcção á America do Sul cuja costa foi percorrendo até chegar á enseada descoberta por João Diaz de Solis e que Magalhães julgou a principio ser a desejada passagem, reconhecendo pouco depois que era o estuário d'um caudaloso rio, o Rio da Prata.

Continuou, portanto, para o sul e, como d'ahi por deante a costa era desconhecida, os navios tiveram que explorar todas as anfractuosidades, todas as enseadas, todas as bahias, n'um mar tempestuoso e em elevadas latitudes. O descontentamento dos hespanhoes começava a manifestar-se, mas Fernão de Magalhães, prevenido como estava, não os perdia de vista.

Assim chegou a frota ao porto de S. Julião em abril de 1520 e ahi invernou, manifestando-se então os primeiros symptomas da preparada revolta. O grande navegador reprimiu-os porém com uma energia que talvez nos pareça crueldade, mas imagine-se cada qual n'aquellas circumstancias. Luiz de Mendoza, commandante da caravella *Victoria*, foi degolado pelo meirinho e substituido no commando pelo portuguez Duarte Barbosa; João de Carthagena, commandante da *Santo Antonio*, e Ambrosio Fernandes foram esartejados, e o primeiro substituido no commando pelo

portuguez Alvaro de Mesquita, e alguns marinheiros foram enforcados nas vergas.

Fazendo-se novamente de vela a 20 de agosto do mesmo anno continuou na sua derrota para o sul; uma tempestade fez sossobrar o *Santiago*, salvando-se porém a tripulação e a carga; foi descoberto o cabo das Virgens e um dia avistou-se um cabo para além do qual a costa inclinava francamente para oeste.

Fernão de Magalhães mandou as tres caravellas que o acompanhavam, em exploração. A tripulação da *Santo Antonio*, aproveitando o ensejo de se ver isolada das outras caravellas, revoltou-se, prendeu Alvaro de Mesquita e fez rumo para a Europa. As outras duas voltaram com a noticia de que o canal parecia effectivamente a passagem procurada.

Fernão de Magalhães aventurou-se então ao estreito que tem hoje o seu nome e pouco depois surgia n'outro oceano a que, por estar na occasião tranquillo, chamou Pacifico. Largando rumo para noroeste, a frota descobriu a ilha de S. Paulo e a dos Tubarões, passou proximo de numerosas ilhas sem as ver, descobriu o archipelago das ilhas dos Ladrões ou Mariannas e chegou ao archipelago das Filipinas. Ahi foi Fernão de Magalhães victima d'uma frechada indigena. Não quiz o destino que elle concluísse a sua gloriosa aventura.

João Serrano tomou o commando da esquadilha, mas sendo tambem morto pelos indigenas, succedeu-lhe Sebastião d'Elcano que, depois de aportar a Borneu, ás Molucas e a Cabo Verde, sossobrando no caminho as caravellas *Trindade* e *Concepcion*, chegou a S. Lucar de Barrameda na caravella *Victoria*, com dezoito homens de tripulação, unicos sobreviventes do glorioso feito.

Cherchez de la femme

ERAM quasi quatro horas da tarde. Sahiam das repartições. Uma linha de trens de praça estacionava no lado occidental do Terreiro do Paço, e debaixo da arcada havia ainda alguns grupos parados, conversando.

O doutor, á esquina da rua do Ouro, falava com dois sujeitos vestidos de preto, sobrecasacas compridas, abotoadas, cara rapada e muito trigueiros. Eram padres canarins: iam saber o resultado d'uma pretensão para o ultramar.

— Falei com o ministro. Descancem. Estas coisas não se fazem assim de repente. E' preciso tempo. Mas elle prometteu e não falta.

— Muito obrigado a v. ex.^a. Voltaremos então amanhã?

— A'manhã? não... diabo! A'manhã é dia de Anno Bom: estão as repartições fechadas. Na sexta feira... Minha senhora... Como passa v. ex.^a?

E descobriu-se muito respeitoso, muito risonho. Passava uma mulher elegante, que atravessou o passeio e seguiu rua acima.

— E' a viscondessa de Santo Amaro, uma esplendida mulher, como vêem...

Os dois padres tinham um ar acanhado e um sorriso serviçal, quasi humilde. Sentiam-se pequenos, insignificantes ao lado do doutor, que tinha tanta influencia, que falava com os ministros a toda a hora e que conhecia o alto mundo.

Seguiram com o olhar a fidalga, que parára a poucos passos, para conversar com um rapaz alto, de bigode em arco, luva cinzenta e monoculo.

Devia ser um nobre, com aquelle ar desembaraçado e porte distincto.

Compararam-se com elle e acharam-se mesquinhos, inuteis, burguezes, timidos.

O doutor parecia tel-os esquecido e fixava de longe a viscondessa.

— Na sexta feira, então...?

— Sim, sim; quando quizerem... Já sabem...

Os dois despediram-se timidamente, tirando o chapéu, e estendendo a mão, muito acanhados.

— Senhor doutor...

— Então, adeus!

E enfiou pela rua do Ouro, atraz da mulher, que já ia ao principio do segundo quarteirão. Apressou o passo.

Mais adiante a viscondessa parou em frente de uma montra de ourives. Na porta seguinte era a entrada para um *restaurant*. O doutor deteve-se ao pé da vidraça, mas deu logo um passo atraz, sacudindo o sobretudo, com um gesto de repugnancia.

Com a cara encostada ao vidro, um rapazinho descalço olhava para dentro, enlevado nas carnes frias, nas perdizes córadas, nos pratos de camarões amontoados, que o tentavam. Uma camisola rôta nos cotovellos punha-lhe a descoberto os braços magros, roxos de frio. D'entre as abas cahidas de um chapéu velho sahiam-lhe farripas espessas de cabelo castanho, emaranhado.

O doutor sentiu tentações de lhe bater, de enxotar d'ali aquelle vagabundo, que lhe sujára o casaco, que impedia o transito, aquelle vadio immundo que produzia náuseas. Odiava todos os pobres que pedem pelas ruas, fazendo exposição de miserias, miserias em que não acreditava.

— São uns intrujões! — dizia. — Pedem por calculo! Vão trabalhar! Ninguém morre de fome...

E quando alguém lhe estendia a mão, de noite, nos recantos mais escuros das travessas, elle voltava a cara, não respondia, não olhava. Odiava-os.

O pequeno continuava immovel ao pé do vidro.

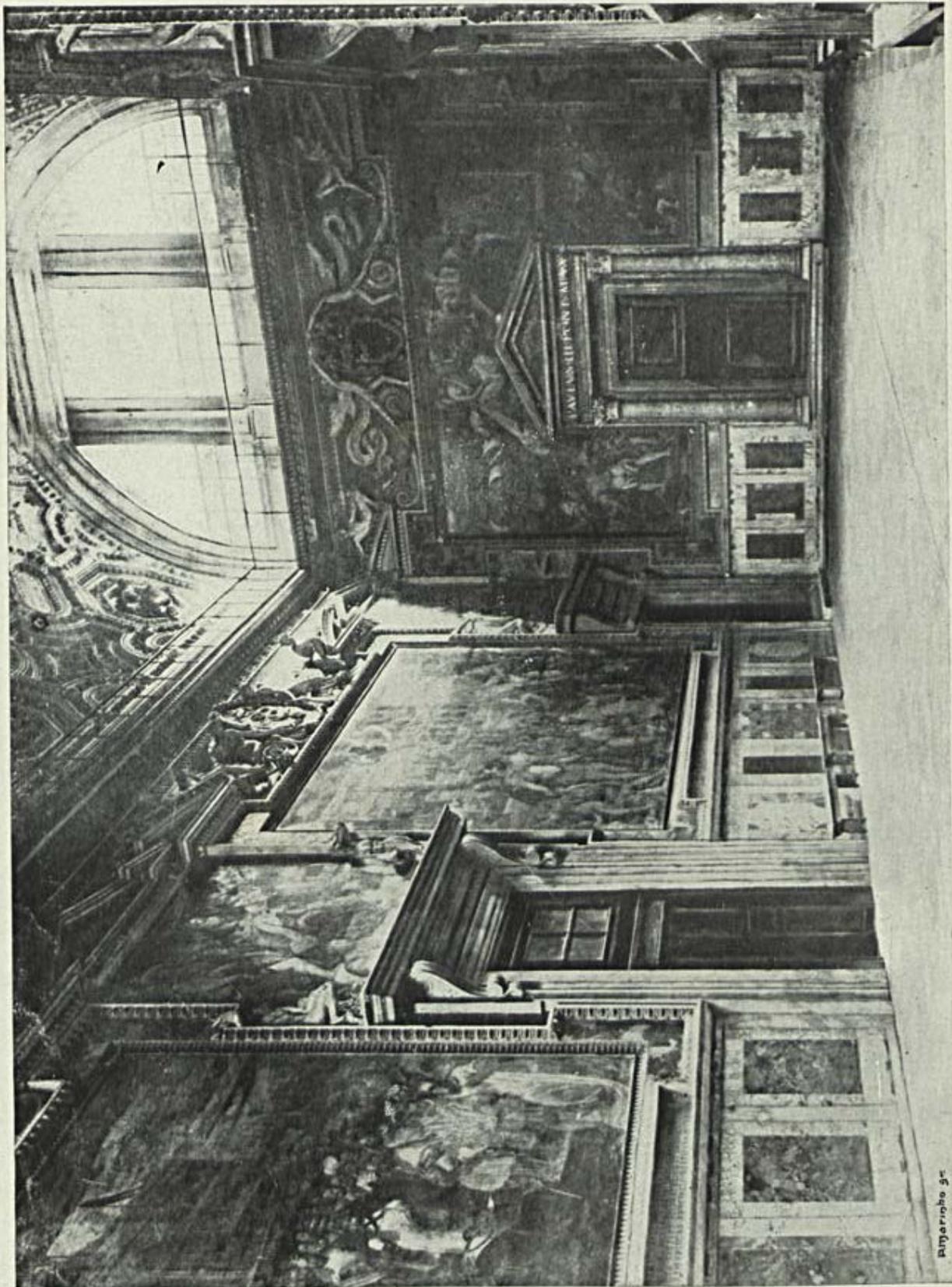
O doutor ia tocar-lhe com a ponta da bengala, mas n'este momento viu que a viscondessa, de longe, examinava o rapazito.

No olhar da fidalga havia uma expressão de dó que o fez córar. Sentiu logo um grande desejo de fazer bem, de exercer a caridade, de se mostrar grande, philantropico, de evidenciar o seu bom coração; e, fingindo não saber que o observavam, aproximou-se da creança.

— Como te chamas tu, ó rapaz?

O pequeno voltou-se. Era pallido, franzino, olhos grandes,

O VATICANO



A sala regia

tristes, beiços delgados, chloroticos. Poz o olhar vago no doutor e respondeu timidamente:

— Eu sou João.

— Tens fome?

A creança tornou a fixar a vidraça, n'uma attracção irresistivel. Quando voltou a cabeça, corriam-lhe duas lagrimas pelas faces.

O doutor sentiu-se commovido. Era a primeira vez que isto lhe acontecia. Devia ser verdadeira aquella miseria silenciosa. Não se é actor e hypocrita aos sete annos. Esqueceu quasi a viscondessa e mettu a mão no bolso.

N'este momento ouviu uma voz ao lado.

— Não, doutor: leve-o lá dentro e dê-lhe de comer.

— Tem razão, minha senhora; tem razão...

— Vá, vá. Quem dá aos pobres, empresta a Deus!

E a fidalga, chamando um trem que passava, mandou seguir para o Salitre.

O doutor ficou um instante parado, absorto, meio envergonhado, pensando, zangado consigo proprio, repugnando-lhe o primeiro impulso de se fazer valer aos olhos de uma mulher, exercendo a caridade que se mostra para ser adulada e conhecida.

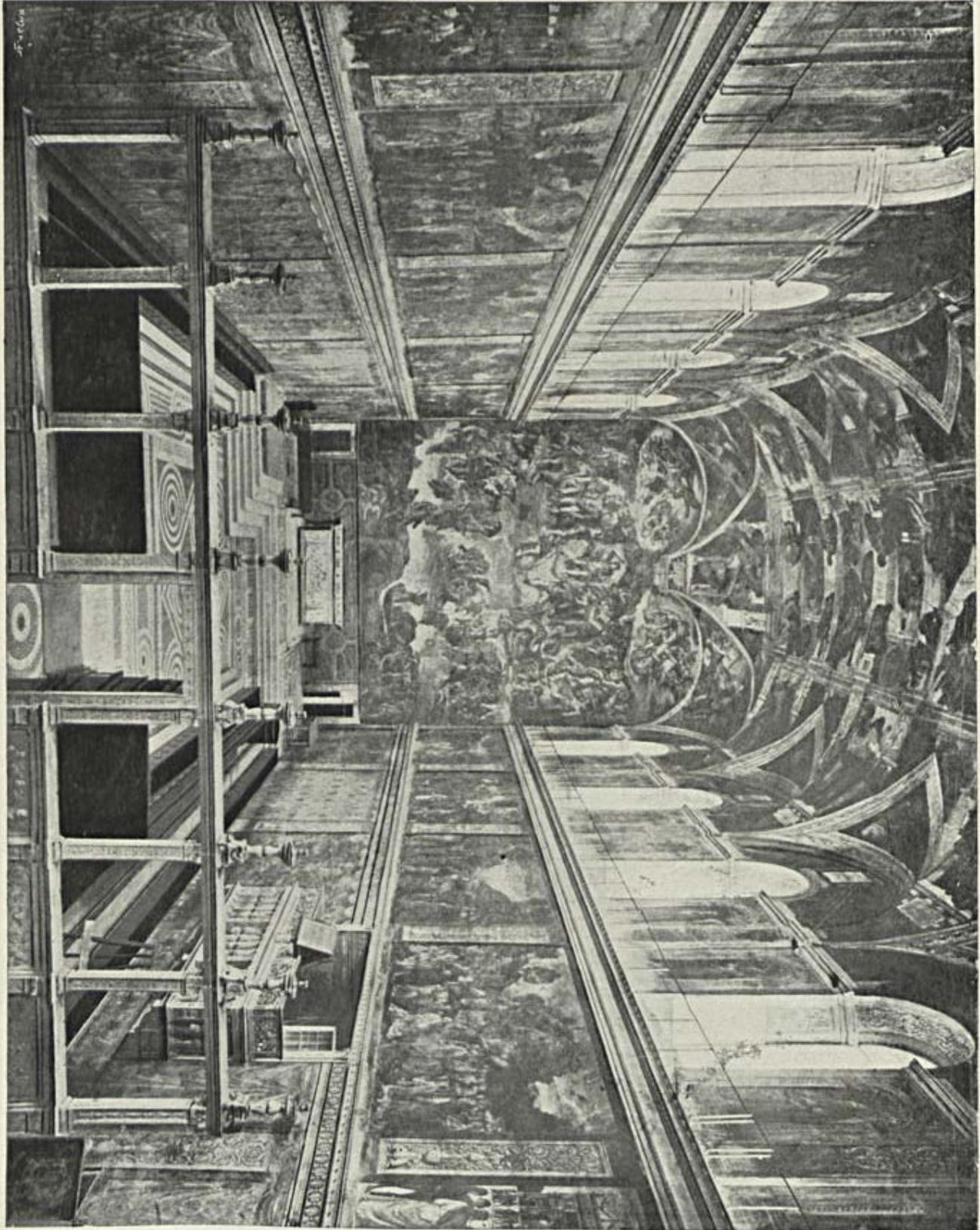
— Miseravel! E somos todos assim!

Mas sentiu já a consciencia tranquilla. A commoção que experimentou era sincera: absolvio-o.

Chamou o rapazito e entrou no *restaurant*.

— Que queres tu, dize lá?!

— Eu... eu tenho fome...



Interior da capella Sixtina

O lobo de S. Francisco de Assis

— Oh! rapaz! traze carne assada, pão e vinho...
 — Mas é que eu... não quero comer...
 — Então tu tens fome e não queres comer?!
 O pequeno baixou a cabeça, e apontando para o pão que o creado trazia, disse, entre dentes, n'um soluço:
 — Deixe-me levar só aquillo...
 O doutor começava a arrepender-se da sua generosidade.
 — Queres levar o pão?
 — Sim, senhor...
 — Para quê? Não disseste que tens fome?
 — Sim, senhor...
 — Então porque não comes?
 O pequeno calava-se.
 — Vamos, responde!...
 E o doutor tinha o olhar quasi irado e a voz rude.
 — E' porque a minha mãe tambem tem fome...

S. Francisco e o lobo



Grupo em barro, de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

Meia hora depois havia um jantar de festa n'um miseravel rez-do-chão, á Graça. Uma mulher e uma creança festejavam o dia de Anno Bom.

Um olhar de mulher convertera um descrente. A duvida cederá o logar á caridade, e mais uma vez se confirmava esta phrase: — *cherchez la femme*.

LORJÓ TAVARES.

No livro de Affonso Lopes Vieira, *Animaes nossos amigos*, illustrado com estampas coloridas de Raul Lino, — livro de que M. Teixeira Gomes escreveu que «é o unico livro de arte produzido por almas portuguesas para uso das crianças portuguesas» e a que Guerra Junqueiro chamou «*dadiva encantadora e maravilhosas*», — vem uma poesia intitulada *O livro de S. Francisco de Assis*, em que o poeta conta ás crianças a lenda encantadora passada entre o Santo e o lobo feroz que elle amansou. Essa poesia inspirou ao illustre artista M. Gustavo Bordallo Pinheiro a deliciosa escultura que a nossa gravura reproduz, e que é uma verdadeira maravilha da poesia, que só por si bastaria para admirarmos em Manuel Gustavo o continuador distincto das tradições da sua excepcional familia. Os nossos leitores ajuizarão, lendo os versos e olhando a fotografia do interessantissimo grupo, que a Livraria Ferreira, da rua do Oiro, tem exposto.

O lobo de S. Francisco de Assis

Andava o povo assustado
 a fazer a montaria
 ao grande lobo esfaimado
 que tanto mal lhe fazia.

Elle levava nos dentes
 agudos e carniceros,
 os meninos inocentes
 que são os alvos cordeiros.

E as pessoas assaltando
 vinha de noite, em segredo,
 com seus olhos chamejando
 encher a gente de medo!

Ora, S. Francisco era
 incapaz de querer mal
 mesmo que fosse a uma fera,
 até ao tigre real.

Tinha tão bom coração
 que homens e bichos o amavam,
 e as andorinhas poisavam
 na palma da sua mão...

E como elle desejava
 que tudo vivesse em paz,
 enquanto o povo caçava,
 o Santo, o Poeta, que faz?

Procura o lobo cruel,
 e tendo-o encontrado emfim,
 chamou-o, foi para elle,
 sorriu-lhe e falou assim:

— «O lobo, muito mal fazes
 em levar vida tão má!
 mas eu proponho-te as pazes,
 e tudo esqueço... Ouve lá:

«Eu sei porque fazes mal,
 eu sei o que te consome:
 tu és tão mau, afinal,
 tu és mau — porque tens fome...»

«Pois bons amigos seremos
 para nosso e teu descanso,
 e de comer te daremos
 para poderes ser manso...»

«Promete que has de mudar
 de vida, neste momento.
 E em sinal de juramento
 alevanta a pata ao ar
 e põe-na na minha mão!»

Jurou o lobo. E cumpriu.
 Depois, toda a gento o viu
 tão mansinho como um cão!

AFFONSO LOPES VIEIRA.

CAMINHO FALSO

III

E, durante meses, instalou-se-lhe á cabeceira, sollicita e attribulada, receiando-lhe, em cada hora, a paragem do coração, sufocado por uma lesão de morte.

Muitas vezes, a meio de um somno agitado, Marcello sentava-

Ficava, depois, mais tranquillo, por longas horas, envolvendo Virginia no brilho doente das suas pupillas encantadas e semi-mortas, que, de quando em quando, se fechavam, saúdosas, a gotear lagrimas, na louca recordação da morta.

Era preciso Virginia intervir graciosamente:

— A enfermeira zanga-se se o papá assim continua... Pois não sabe o que disse o doutor?... que lhe faz mal chorar?

O medico recommendara um repouso constante, isento de emoções violentas, ordenando que, do quarto, fossem retirados os menores objectos que pudessem causar-lhe uma impressão viva do passado.

ASSUMPTOS ELEGANTES

Uma festa em casa da sr.^a D. Laura de Abreu Reis Ferreira e de seu marido o sr. Carlos Machado Ribeiro Ferreira



«Veronique», opera em 3 actos, de Messenger

Final do 1.^o acto

(Phot. de J. Benollet)

N'um elegante palacete da rua Barata Salgueiro, onde habita a sr.^a D. Laura de Abreu Ferreira, realisou-se, na segunda quinzena do mez findo, uma linda festa da qual dão uma leve idéa as quatro gravuras que publicamos allusivas á opera de Messenger «Veronique» cujos interpretes principaes foram as sr.^{as} D. Maria Thereza Ferreira, D. Margarida Carneiro, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Maria de Abreu Baptista, D. Elisa Castro e D. Laura Reis Ferreira e os srs. Carlos M. Ribeiro Ferreira, Joaquim Gomes e Carlos de Abreu Baptista.

A acção da «Veronique» passa-se no tempo do Imperio e todos os interpretes se apresentaram rigorosamente vestidos a epocha, dando assim todo o brilho e realce á elegante festa á qual assistiu a nossa primeira sociedade.

se na cama, receioso e sobresaltado, respirando alto e oppresso, os olhos estrangulados de dôr e medo.

— Que pesadelo horrivel, Virginia! E sonhava alto?... falava alto?... Que dizia eu?... Que ouviste tu, minha filha?...

Virginia acalmava-o com um sorriso tranquilizador.

— Mas o papá não falava... Nunca mesmo o ouvi sonhar... dorme até sereno como uma creança.

— E' que o medico de Paris—explicava embaraçado—dizia-me que, nos pesadêlos, se gasta muita vida. E estou tam fraco... Mas se alguma vez me ouvires sonhar alto, acorda-me logo, sim?

E pedia-lhe para abrir as janellas, se era dia, ou para accender todas as luzes, se era noite.

Virginia deixara até o vestido de luto, simulando, junto ao doente, uma alegria de rapariga feliz. Marcello foi assim melhorando.

Quando a demanda sobre a fortuna da condessa foi vencida, a favor da filha, uma sensação de tranquillidade encheu-lhe o coração quasi desfeito.

Sahiu, então, do leito para os braços estofados de uma cadeira, donde apenas se levantava, com dolorosa difficuldade, para dar passadas curtas no quarto, sem coragem para uma só vez chegar á janella que dava sobre o jardim...

Uma suavissima resignação o prendia agora naquelle quarto, junto de Virginia, que simulava ventura para lhe dar a illusão de um passado morto.

Estava-se, então, em junho.

Numa madrugada, á hora habitual em que Isabel vinha abrir as janellas, para lhe encher o quarto de ar e sol, entrou-lhe, até á cama, vindo numa lufadasinha de vento, um cheiro distante de sabugueiro florido.

Marcello fez-se pallido de temor e sacidade, como se naquelle aroma viesse o espirito da esposa morta.

Fôra assim, por uma madrugada de junho, que lhe beijara os cabellos negros, depois de um galho de jasmim lhos ter descomposto, ao curvar-se para colher o ramo dos cravos brancos.

Cerrou os olhos, abandonando a fronte sobre o travesseiro, a receber, com dolorida sacidade, o aroma do sabugueiro que lhe invadia o quarto, a reconstituir-lhe, na mente e no coração, a epocha mais bella da sua vida.

Neste perfume encontrava elle outros perfumes, côr, som, temperatura e sabor.

Parecia a madrugada cinzenta e humida de ha vinte annos,

A' volta de Marcello, que tacteava cegamente, de braços abertos, no ar cheio de luz, crepitava agora uma treva de queimar.

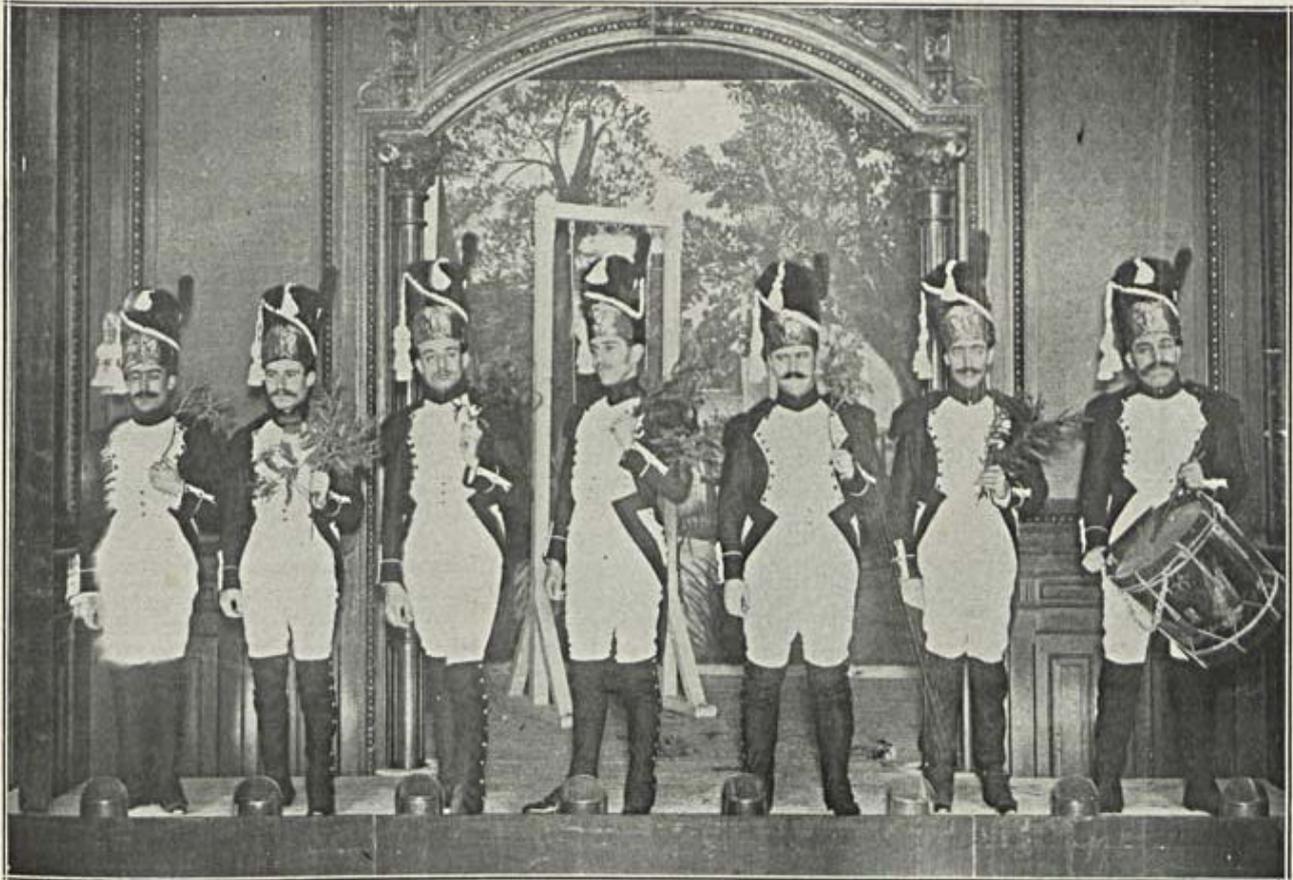
Mas o aroma do sabugueiro continuou a attrahi-lo para a janella, onde crispou as mãos, a segurar-se, com terror e delicia, de olhos cerrados sobre os ruidos e os aromas do jardim, como sobre um abysmo de saudades...

No silencio e na treva, chegava-lhe o som do repuxo cahindo no lago, o aroma conjuncto das glicinias e da alfazema, o esvoaçar das pombas, e, mais distante, o gotejar da gruta onde Clotilde fôra apagar o fogo e as lagrimas dos primeiros beijos...

De repente, uma rajada violentissima de vento arrancou um lamento funebre ao tronco fendido de um castanheiro, e Marcello gritou como se uma pedra o tivesse ferido no peito.

Quando Virginia correu a desprende-lo da janella, conduzindo-o para o sophá, Marcello abriu os olhos, perguntando-lhe in-teirizado de pavor:

— Tu não tens medo de mim, pois não, Virginia?...



«Veronique» — O côro dos grandeiros

(Phot. de J. Benoit)

ouvia o som do repuxo cahindo no lago proximo, o canto de S. João nas ceifas em torno, aspirava os cheiros da alfazema e do lilaz e os aromas reunidos do ceio de Clotilde e dos cravos brancos do jardim.

Até o vermelho e o sabor das cerejas, comidas ao almoço desse dia, lhes acudiam aos olhos e ao paladar.

A illusão intensificava-se.

Pareceu-lhe ouvir os passos breves de Clotilde, caminhando no corredor proximo.

Julgou-se de visita á quinta dos Prados, nos dias em que dormia sosinho naquelle leito. Como ha vinte annos, a viscondessa era viva e Clotilde estava ainda solteira. A essa hora ia talvez para o jardim, a colher as flores do almoço...

Vestiu-se açodadamente, na febre de chegar á janella que abria para o jardim. Avançou até ao meio da sala, arrastando receiosamente os pés, como se temesse que as taboas abatessem sob o peso do seu corpo fraco.

Num momento, as ramarias altas das arvores despontaram acima do peitoril da janella, e os seus olhos cerraram-se, horrorisados, na subita lembrança de que Clotilde estava morta!

E fixou-a estranhamente, a certificar-se de que a filha lhe não surprehendera o segredo daquelle horror.

— Pois havia de ter medo?!... medo do papá?!... O que eu tenho é alegria, muita alegria de estar assim, junto de si...

E encostou-lhe delicadamente, no braço, a cabeça pallida e inquieta.

— ... Não vê como estou contente?

— E se eu morresse, Virginia, tu tinhas dó de mim?...

Virginia, como resposta, beijou-lhe as mãos estremecidamente.

Horas depois, o medico encontrava o doente peor, recommendando, a Virginia, que era indispensavel desanuviar a casa do mais ligeiro crepe de tristeza, apagando, com alegria e luz, tudo o que pudesse evocar os ultimos sucessos.

E Virginia tirou os mais leves vestigios de luto, occultava a dôr e sorria, só para attenuar a angustia de Marcello, a quem se affeiçoava extremosamente, vendo-o semi-louco de mortal saudade pela mãe que não voltava...

Uma tarde, ao passar na sala de piano, occorreu-lhe uma lembrança.

«O papá, vivendo tanto tempo em Paris, devia gostar immenso



«Veronique» — O côro das floristas



«Veronique» — O duetto do balouço (Phot. de J. Benoliel)

de musica, e os medicos recommendavam-na como elemento de distracção e cura.»

Ao lado do piano, sobre uma cadeira, estava uma caixa de ebano onde Clotilde guardava as suas musicas.

Abriu-a, escolhendo, para executar, o trecho de Schumann enviado outrora por Marcello a Clotilde, pouco antes de Virginia nascer.

A essa hora, Marcello, soffrendo, deitado no sophá, uma modorra febril, evocava, com romorso, a voz nitida da viscondessa, aconselhando-o:

— Não, meu amigo, é preciso expulsa-la do coração... Tu és um bohemio... um estroina... um artista, se mais te agrada... e Clotilde é um anjo... Não penses nella, Marcello... Seria uma estroinice que eu nunca te perdoaria...

Os primeiros accordes musicaes, vindos da sala do piano, arrancaram-no violentamente a uma reminiscencia torturante. Ergueu-se, livido e rigido, a fronte molhada de um suor frio que a febre parecia degelar dos cabellos hirtos e brancos.

Assaltou-o um tremor convulso que o prostrou de novo sobre o sophá, convertido agora em banco de supplicio, como se aquellas notas musicaes fossem outras tantas linguas a denunciar, á filha, o crime que lhe occultava.

Aquelle trecho de Schumann revivia agora a epocha mais allucinada da sua vida em Paris. Orgias e gargalhadas, o perfume dos camarins e os sussurros dos boulevards, as vozes dos amigos e os gemidos de Clotilde, tudo aquella musica lhe trazia para o torturar.

O telegramma da esposa, as suas cartas acumuladas, por abrir, o receio do seu parto fatal, o bilhete terrivel da viscondessa, e, por fim, os choros cynicos de Graciette, a favorita daquelle tempo, que lhe apertava os braços á volta da garganta, a impedi-lo de voltar.

(Continúa)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Poetas novos

VERIFICA-SE que com o aparecimento de Alberto Monsaraz na litteratura portugueza se não fechou, felizmente, a série dos poetas que perpetuam o valor litterario dos paes e seguem pelo caminho em que elles triumpharam. O velho Castilho, glorioso patriarcha de uma familia illustre, todo se desvanecia e remirava nos primeiros versos que a medo ia lêr-lhe, para consultá-lo, o querido Julio, o seu filho primogenito. Casimiro Dantas, aquelle poeta de sentimento, cuja morte prematura foi um doloroso golpe para muitos de nós, transmudava aquelle seu ar habitual, sereno e contemplativo, n'uma expressão de vida, ridente, feliz, quasi entusiastica, quando os seus intimos lhe punham em relevo, não as suas, mas as glorias poeticas do seu Julio, que então despontavam. E o conde de Monsaraz? Que se importava elle com os passados triumphos de Macedo Papança, quando em plena sala dos capellos, na velha Universidade, recitando, com o vigor dos vinte e tantos annos, os versos magistraes *Catharina d'Alhayde*, entusiasmava os doutores, gravemente recostados nas suas cathedras, e arrancava applausos á academia que se apertava na sala para ouvi-lo? Essas horas inesqueciveis esquece-se elle sempre que sente vibrar aos ouvidos, ou enaltecer na sua presença, o talento poetico de Alberto, o filho muito amado.

Apparece-nos agora José Coelho da Cunha que, como o seu ultimo antecessor nesta galeria já opulenta, sae da Universidade, não sei se mais doutor em poesia do que bacharel em direito. Da Universidade tinham sahido, tambem, e já poetas feitos, os paes de ambos. Não ha similè mais flagrante.

D'aquí eu estou a ver a alegria intima de Alfredo da Cunha ao sentir que, mais do que o seu sangue, mais do que a sua vida, palpita a sua alma na alma de seu filho. Nem pôde haver entre dois corações, entre dois seres, élo mais forte, ao mesmo tempo mais resistente e suave, do que a poesia.

Sentir a gente que num outro *eu*, numa vida que dilata e amplia a nossa, continúa a vibrar a nossa emotividade, a depurar-se a sensibilidade artistica que mais nos vibrou a nós, a proseguir e engrandecer-se a obra sentimental que agitou os nossos nervos, que fez estuar o nosso sangue, sangrar o nosso peito, aquecer o nosso cerebro e pular o nosso coração, deve ser uma d'aquellas consolações do espirito a que nenhuma outra se avanteja na existencia prosaica e ephemera. Essa deve sentil-a Alfredo da Cunha.

Os versos, que estas palavras prefaciam, reúnem todos os elementos que caracterisam o poeta, dos quaes os menos valiosos são a impecavel metrificacão e o rythmo, que qualquer aprendiz da arte poetica facilmente pôde conhecer e executar. O que os distingue é o que em muitos outros falta e que deve constituir em todos materia prima: é... a poesia. E' este sentimento da natureza, profundo e delicado, que dá aos olhos uma visão mais ampla, percepção mais aguda ao espirito, e ao sentimento uma vibração mais intensa. E' como que uma aspiração innata para a justiça, para a morte da iniquidade, para uma coisa melhor. Tal a impressão que experimentámos ao ler, por exemplo, a ultima quadra de *Os bois*.

E' incondicional o louvor a esta producção poetica de José Coelho da Cunha? Não, e o unico breve reparo que me atrevo a fazer, não tanto o faço, pelo que em si elle vale, mas para mostrar o escrupulo com que o pae se esquivava a colaborar na obra do filho, não vá a maledicencia attribuir-lh'a a elle.

Alfredo da Cunha, meticuloso e exigente como é em materia poetica, não teria repetido com o segundo verso da sexta quadra a ideia enunciada já na quarta, ultimo verso. E, cultor emerito da euphonia, teria preferido transpôr no terceiro da ultima estropha as duas primeiras palavras, de maneira que ficasse

Breve seriam victimas...

Leve questão de gôsto litterario que os parnasianos levam, não raro, ao exagero, senões que não chegam a ser defeitos nos que comecem, antes são uma prova de alto valor, porque, como com estes versos se dá, nenhum outro reparo tem a fazer a critica mais exigente, que nelles sente e reconhece uma alma de artista eleito.

Em resumo, vem tomar o seu lugar um poeta novo. Registrar o seu nome, archivar os seus versos, é um dever que nos desvaneece, e que o *Brasil-Portugal* cumpre com o maior jubilo.

J. V.

"Os Bois"

*Caminhavam na estrada lentamente;
Lá iam pensativos, scismadores,
Talvez entregues ao pesar pungente,
Talvez vergados ao cansaço e às dores.*

*Lá iam como sempre resignados,
Cerviç baixa, olhar calmo, passo lento,
Cumprindo os seus deveres e os seus fados;
Lá iam sem soltar nem um lamento.*

*Encarnação e exemplo do trabalho,
Os pobres bois moirejam toda a vida,
E, em recompensa, no balcão d'um talho
A carne é esartejada e é vendida.*

*Toda a vida lutando, trabalhando,
Sem jámais conhecerem um afago!
Pobres bois, toda a vida o olhar brando
Fitando ao longe o infinito, o vago!*

*E sempre a mesma paz e a mesma calma,
Egual docilidade e servidão!
Mais, se a livessem, lhes doeria a alma
Que o corpo quando os fere o agulhão.*

*Os bois lá iam tristes na manada,
Olhar perdido além, na imensidade,
Ao som dormente e rouco da toada
Do pastor que os levava p'racidade.*

*Como é injusto o mundo e injusta a sorte!
Essas vidas de dor e de labutas,
Seriam breve victimas da morte
Em holocausto a vidas dissolutas.*

José Coelho da Cunha.

Variedades

A oscillação da terra

O nosso globo, diz Flamarion, não possui ainda uma superficie absolutamente estavel. Não se passa um dia sem que haja em qualquer ponto do globo um abalo de terra.

Só em França, a média é de uma duzia por anno. As regiões mais estaveis são as do norte, as dos terrenos que conservaram a sua horizontalidade. Paris, por exemplo, é um dos pontos mais fixos, pois se acha construida sobre um leito de greda de 500 metros de espessura.

Hypnotisador de serpentes

Existe em Delhi, na India ingleza, um especialista de nome Hullan, que para capturar a serpente serve-se do hypnotismo.

Ao dar na pista do reptil, força-o a sahir do buraco introduzindo n'elle uma longa vara. Quando a serpente apparece, Hullan requebra-se deante d'ella rythmicamente e olhando-a com fixidez. A serpente levanta a cabeça e balança segundo a cadencia indicada pelo homem; quando o reptil começa a entorpecer-se, o hypnotisador faz deante de seus olhos passes lentos e methodicos, agarrando-a depois pelo pescoço e guardando-a no sacco.

Voltando d'essa caçada que lhe fornece uma média de seis cobras por dia, tira-as do sacco uma a uma, aperta-lhe o pescoço com força para as obrigar a abrir a bocca, na qual põe uma pequena bola de vidro ôca e tendo em certo ponto um buraco.

Uma vez livre, a cobra enfurece-se de novo, despeja o veneno sobre a bola na qual penetra uma boa parte.

Hullan colhe depois esse veneno e vende-o por bom preço ao dr. Calmette, para a producção do soro contra a mordedura das cobras.

Dr. Velloso Rebello

O actual encarregado de negocios do Brasil em Lisboa é, pela sua illustração, uma personalidade em destaque na diplomacia brasileira.

Começou por se dedicar ao estudo da medicina, e depois de ter sido nomeado *attaché* ao Secretariado da Assembleia do Estado do Rio, e aos ministerios da instrucção publica e do interior, fez o curso de direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro. N'esta cidade abriu banca de advogado, que d'ahi a pouco abandonou para de todo se consagrar á vida diplomatica, começando por servir na legação do Brasil em Roma.

Em 1902 foi secretario de Joaquim Nabuco, chefe da missão da delimitação de fronteiras na Guyana Ingleza. Em 1905 foi secretario da embaixada em Washington, onde se conservou até 1907, anno em que acompanhou á Europa o embaixador Nabuco. Data d'ahi a sua nomeação para Bruxellas, d'onde acaba de ser transferido para Lisboa.

Amigo intimo de Oliveira Lima, o ministro brasileiro na Belgica, de quem Portugal recorda sempre com saudade, ambos estes diplomatas representavam, com distincção, na capital belga, a intellectualidade do seu paiz.

Jornalista tambem, o sr. dr. Velloso Rebello collaborou em muitos jornaes do Rio, tendo ido a Paris em 1898 em missão especial de correspondente da *Folha da Tarde*, d'aquella cidade.

Depois de ter publicado na *Revue de l'Institut de Droit Comparé de Bruxelles* substanciaes artigos sobre as novas leis brasileiras, foi successivamente nomeado membro correspondente d'esse Instituto, membro effectivo na secção de direito colonial e do conselho, que se compõe de doze membros eleitos por quatro annos.

E' auctor das seguintes obras: *La lettre de change et le billet à l'ordre* (lei de 31 de dezembro de 1908); *La nouvelle loi brésilienne sur les Faillites* (1909); *Le Régime des Terres Vacantes au Brésil* (1909); *Aperçu des sources historiques du Droit brésilien* (1911); e é de sua lavra a parte referente ao Brasil no livro de Gaston Mock: *Histoire Sommaire de l'Arbitrage Permanent* (Paris 1910).

O encarregado de negocios do Brasil em Lisboa é ainda membro honorario da *Societé des Etudes Portugaises*, membro permanente da *Societé d'Histoire Diplomatique*, de Paris, do *Cercle de la Chasse*, de Roma, e do *Cercle du Parc*, de Bruxellas.

O melhor meio de agradar na sociedade, é deixar cada um falar de si.

A mulher de Calino lê um livro de viagens.

— E' verdade; como é que os selvagens sabem as horas? pergunta ao marido.

— Essa não está má! exclama Calino desembaraçadamente. Contam pelos dedos.

Uma dama, de alento veronil, enthusiasmava-se quando ouvia referir um feito heroico. Em uma occasião, lendo *O romanceiro de Cid*, exclamou:

— Quizera ser homem para realizar taes façanhas!

— E eu tambem, diz candidamente o esposo, participando do enthusiasmo de sua mulher.

O acaso é um pseudonymo da providencia.

Calino reclama o cadaver d'um seu parente, que estava na *morgue*.

— Tem algum signal particular? perguntam-lhe.

— Tem, sim senhor. O meu parente era mudo!...

Ninguem entra novo na vida.

THEATROS

S. Carlos — Gioconda — Republica

— *Serão Vicentino* e *A melhor das mulheres*, peça em 3 actos, original de Paul Bilhaud e Maurice Hennequin, traducção de Carlos Trilha — **Gymnasio** — *O Rei dos Gatos*, peça em 4 actos de Francis de Croisset e Maurice Leblanc, traducção de Portugal da Silva — **Apollo** — *Os Pimentas* e *Feira do Diabo*, original de Eduardo Schwalbach — **Moderno** — *Os Vinte Milhafres*, imitação de Eduardo Fernandes (Esculapio) — **Colyseu dos Herceles** — *A Patifa da Primavera*, operetta em 3 actos, de Strauss.

Para nós o mais terrivel effeito da *grève* foi o de nos ter privado de continuar a ouvir aquella extraordinaria *Gioconda*, que é a sr.^a Mazzoleni.

S. Carlos teve, emfim, a sua grande noite de arte. Passou a *Aida*, passou a *Madame Butterfly*, passou a *Manon*, passaram os *Huguenotes*, e só pelos nossos nervos não passára ainda aquelle frémto de enthusiasmo, que só a grande Arte provoca.

Ha quanto tempo nós andavamos arredados de uma cantora com as notaveis facultades da sr.^a Mazzoleni, de um soprano dramatico, que realisa todas as condições que tornam do canto e da arte de representar, ao mesmo tempo uma alta sciencia e uma arte sublime!

Logo no primeiro acto da *Gioconda*, revelou a illustre primadona, todas as facultades que a notabilisam. A sala comprehendeu desde logo que estava em presença de uma mulher excepcional. Vem o 2.^o acto, e aquelle famoso duetto com o contralto, em que abonou os seus creditos a sr.^a Hotkowska, foi a confirmação plena dos largos recursos artisticos d'esta primorosa *Gioconda*.

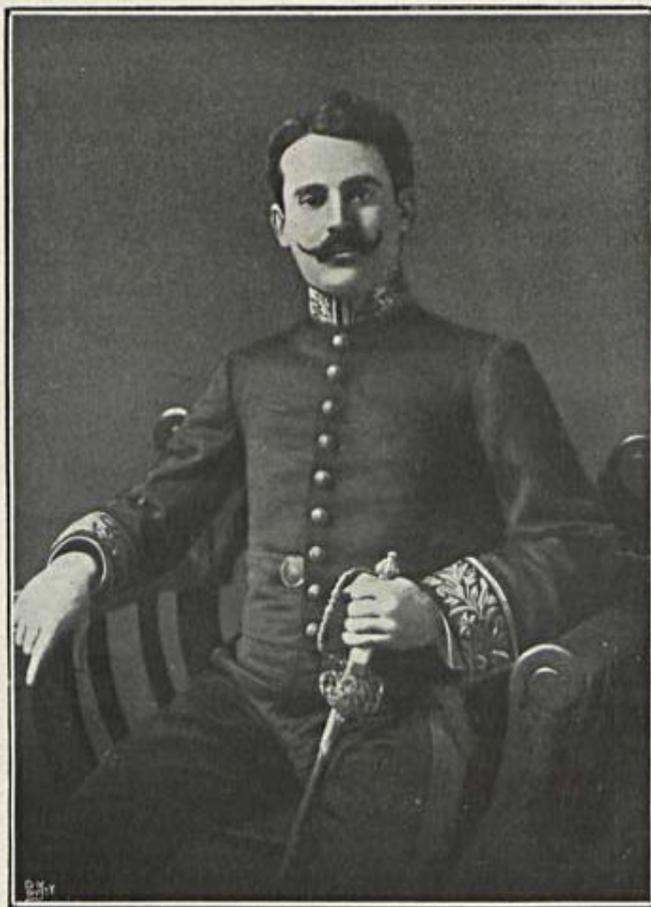
Mas o 4.^o acto, o 4.^o acto! Onde é que elle já se ouviu cantar assim! Toda essa arte de cantora e de actriz, foi em todo elle uma maravilha. Todas essas bellas phrases musicaes, essa formosa aria do suicidio, o notavel duetto, tudo isso foi um triumpho para a sr.^a Mazzoleni, foi tudo isso um encanto incomparavel para o nosso espirito.

As interrupções, os bravos, as palmas, succediam-se, como se a todos nós animasse a patriotica convicção de que ainda vivia e brilhava o S. Carlos dos tempos aureos.

Maldita *grève* que nos não deixou continuar este sonho espiritual!

GILLIATT.

Foi brilhantissimo o *Serão Vicentino* que ultimamente se realiso no **Republica**. Abriu o interessante espectáculo por uma conferencia sobre Gil Vicente, lida pelo distincto poeta e homem de letras Affonso Lopes Vieira, que a fez acompanhar pela leitura d'al-



Dr. A. Velloso Rebello

Encarregado de negocios do Brasil em Portugal

THEATROS

THEATRO DO GYMNASIO—O rei dos gatunos



2.º acto — *Sônia*: Levo aqui o meu lenço... o dinheiro...

guns trechos de Gil, magistralmente feita por Augusto Rosa, Chaby Pinheiro, Ferreira da Silva e Aura Abranches, sendo todos muito applaudidos.

A seguir representou-se o *Pranto de Maria Parda*, em que Adelina arrancou ao immenso publico que enchia a sala uma estrondosa ovação; o *Todo o Mundo e Ninguem*, desempenhado por Chaby,



O REI DOS GATUNOS — 4.º acto — *Arsenio Lupin*: Levanta tambem as mãos

(Phot. de A. C. Lima)

Augusto, Azevedo e Henrique Alves, e que conseguiu tambem o agrado geral; *Quadras do cancionero*, ditas por Adelina e Ferreira da Silva; o trecho *Uma senhora rezando por umas contas*, lido por Augusto Rosa; varias estancias do conto IV dos *Luziadas*, recitadas por Eduardo Brazão e uma cantiga do seculo xvii por Angela Pinto, agradando todos estes numeros á assistencia que coroou de applausos todos os interpretes.

Representaram-se ainda *O Monologo do Vaqueiro*, o *Episodio de Ignez de Castro* e o *Auto da Barca do Inferno*.

Em extremo graciosa e leve, com o cunho acentuadamente francez, agradou deveras na sua primeira representação a peça *A melhor das mulheres*, que no genero é modelar. O 1.º acto é do melhor que temos visto em theatro, principalmente o final, de um imprevisto felicissimo. E' esta, cremos, uma das peças que fará carreira. Ha n'ella toda a bateria conhecida em theatro e de agrado certo, o que mostra serem os seus actores conhecedores do *métier*, e assim lá vemos maridos que enganam as mulheres com cantoras e mulheres que enganam os maridos; mas, ha a ponderar que embora o assumpto pareça um tanto escabroso no fundo, é apresentado por fórma a faz-nos sorrir, pela graça fina e delicada que recheia toda a peça, sem que uma situação equivocada ou um dito menos agradável nos predisponha mal. E depois a interpretação foi maravilhosa. Augusto Rosa parecia rejuvenescido; deu-nos um excellente trabalho, n'um gracioso *galã* que agradou em geral e foi uma verdadeira criação. Chaby não

O desempenho harmoniosissimo, destacando-se Henrique de Albuquerque, que no papel principal tem um bom trabalho em que mais uma vez se confirmam os seus excepcionaes dotes artisticos, sendo d'entre os novos, o que mais se tem revelado; Augusto Machado, consciencioso no policia, assim como Cardoso, Laura Hirsch, Maria Augusta e Albertina.

O scenario completamente novo, devido ao pincel de Augusto Pina.

— Vae a epocha em maré de rosas para o **Apollo**, que depois do successo do *Chico das pegas* encontrou nos *Pimentas* e na *Feira do Diabo* uma nova fonte de receita, embora sejam peças já conhecidas do publico, que aplaudiu sem reservas actores e auctor.

No desempenho distinguiram-se Amelia Pereira, Ilda, Alegrim, Nascimento Fernandes, Carlos Machado, contribuindo os restantes para o bom conjunto da peça.

— No **Moderno** subiu á scena um arreglo de Esculapio á interessante peça *Vinte mil dollars*, intitulado *Vinte milhafres*, que é de uma graça infinita e em que Esculapio nos apresenta um excelente estudo de costumes populares a par de situações de um comico irresistivel. E' um trabalho sem pretensões, bem desempenhado, e por isso as enchentes vão-se succedendo, demonstrando-se o agrado do publico. Fazemos votos que seja por largo tempo.

— A ultima novidade que nos apresentou a companhia italiana que trabalha no **Colyseu**, foi a interessante opereta de Strauss —

THEATRO MODERNO — OS 00020 milhafres, parodia aos 20000 dollars



Scena final

Em vez do cofre um tonel, em vez da creança um gato

(Phot. de A. C. Lima)

foi menos feliz na parte que lhe coube, de que soube tirar partido. Foi correctissimo tambem o trabalho de Jesuina Saraiva, Barbara, Sarmiento, Pimentel, Carlos d'Oliveira e Aura Abranches, que deixámos para o fim proposadamente, para aqui lhe consignarmos os nossos emoras pelo seu felicissimo trabalho, no qual mostrou ter excelente disposição para a carreira espinhosa que encetou, assim o reconhecendo o publico, que lhe tributou uma estrondosa ovação.

Emfim, uma noite de verdadeira arte.

Para breve teremos o *Petit Café* e uma revista em 1 acto intitulada: *Ao de leve*, devida á pena de quatro conhecidos escriptores theatraes, com musica de Thomaz de Lima.

— Com o suggestivo titulo de *Rei dos Gatunos*, pôz em scena a empreza do **Gymnasio** uma traducção de Portugal da Silva, da excellente peça franceza *Arsène Lupin*, que em Paris fez extraordinario successo.

E' esta do genero do *Scherlok Holms*, *Raffles* e *Vinte mil dollars*, a qual está ainda em pleno successo no nosso **Nacional**. São os mesmos moldes, a mesma lucta intensa entre um policia e um ladrão habil; uma série de scenas bem delineadas, de maneira a interessar sempre o publico.

Este *Arsène Lupin*, então, é encantador; tem espirito, elegancia; é talvez o mais sympathico de quantos gatunos em theatro temos conhecido, e, tambem, o melhor tratado pelos auctores. E' uma figura bem observada, completa, que se distingue dos demais. Estamos certos que o **Gymnasio** encontrou no *Rei dos Gatunos* a peça que carecia.

Patifa da Primavera, que foi excellentemente cantada e cuja musica melódiosa em extremo e de orquestração originalissima, foi muito apreciada. Tomam parte no desempenho a soprano sr.ª Paulini Sartori, que tem um difficil trabalho, Bianca Bagnoli, Nelly Castagneta, Vellani, caracteristica, Umberto Bagnoli e Oreste Pecori. E' sem duvida alguma um dos successos da companhia.

E são as unicas novidades da quinzena.

Ruy.

Animatographos

Chiado Terrasse — O grande successo actualmente n'este salão animatographico é a sensacional fita de 1:000 metros *Divida de Honra*. — No **Olympia** continúa chamando enorme concorrencia de publico a fita dramatica *A Filha dos ferros viarios*. — **Grande Salão Foz**, n'este salão está obtendo exito o *Trio Obiol* e a coupletista Pura Martini. — **Salão da Trindade**, continúa annunciando o *Ipnotizador*, dividida em 3 partes, com 1:500 metros. — **Grande Salão Recreio do Povo**, annuncia para breve os duettistas luso-brazileiros, os *Geraldos*.